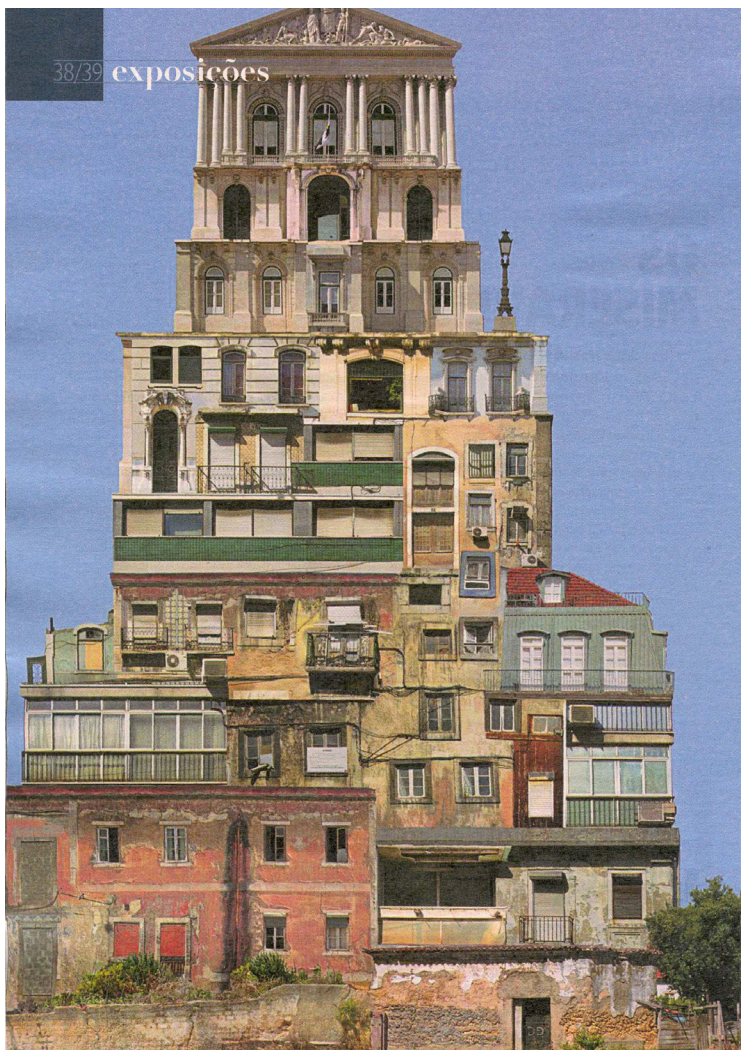




O TODO e as partes

Ensaio sobre a escala e as possibilidades do fragmento
nas obras de seis jovens artistas **Texto de Ana Ruivo**

actual 19 de Abril de 2008 | Expresso

Fotomontagem da série «Maravilhas de Portugal», de Isabel Brison, na exposição colectiva «Em Diferentes Escalas»: a arquitectura portuguesa ironicamente comprimida num só edifício

Fragmento é um pedaço. A parte suprimida de um todo. O elemento salvado que não permite a descodificação e simultaneamente se torna pista de descoberta. Amostra. Um corpo descon-
textualizado que procura coerência e validação relacional e necessita desses contactos para recuperar sentido. A ideia de fragmentação é particularmente dinâmica. Como realidade ou metáfora. Ao criar um intervalo no contínuo, ao quebrar uma lógica (de sentido, integridade, visual) o fragmento suscita o questionamento, torna evidente um infinito jogo de desdobramentos e gera a recomposição de um tecido inteligível que integra ou assimila a ideia de fissura. Foi este valor polisémico do conceito, associado à ideia de escala na percepção e representação do real, que se quis reforçar na exposição «Em Diferentes Escalas» que agora ocupa o 1.º Esq. do N.º 211, da Avenida da Liberdade, em Lisboa: um espaço singular que tem contribuído para a dinamização dos circuitos artísticos da capital, deficitária em meios e estruturas independentes que permitam a organização livre de artistas, com ou sem ligação a galerias, na gestão da produção e da apresentação dos seus trabalhos a público. Na sua origem esteve o convite dirigido a Nuno Sousa para a organização de uma colectiva em que se integrasse como artista. E mesmo sem um propósito curatorial assumido reuniram-se artistas que nos seus discursos integram uma reflexão sobre as questões referidas e de forma coerente se articulam entre si. Desde logo porque há em todos a noção clara de que o parcelar é gerador de relações em que o

espectador é implicado. Em 10 **Tentativas para Encontrar o Snark #2**, de Inês Rebelo (n. 1981), retoma-se a memória poética das viagens de Lewis Carroll para construir uma narrativa que parte da manipulação de chapéus de chuva achados nos transportes de Londres, silenciosos portadores de trajectos pela cidade, perfurados com o desenho de várias constelações para obter uma outra experiência do (in)visível. Também o projecto **Paredes Falsas**, de Nuno Costa, (n. 1977) parte da vivência da cidade. Poder-se-ia dizer que as suas pinturas são «arquitectónicas» ou «urbanas» na medida em que nascem de um olhar sobre as estruturas de construção, as fórmulas visuais de finalização, duplicando paredes e indicando novas composições geométricas longe de referentes iniciais. Mas, no vídeo que apresenta, a pintura revive sobretudo na deambulação pela cidade em que todo o processo se inverte e o ponto de origem na construção da pintura se torna ponto de chegada, «puzzle» (ir)resolível. Também o olhar de Isabel Simões (n. 1981), cativando da cidade o pormenor, isola vitrinas pintadas sobre papel. Mas aqui não há a compulsão da recomposição, apenas a imobilidade da estrutura em ambíguos reflexos. O mesmo se encontra nas imagens de Daniel Pinheiro (n. 1980) que recuperam pela memória da fotografia artesanal um território formal de exposição à luz.

Mas neste processo de sucessivo reenquadramento significativo do fragmento, ganha especial destaque o trabalho de Isabel Brison (n. 1980), um momento maior desta mostra pela inteligência com que a artista faz uso do lúdico e das possibilidades da técnica (de manipulação digital da fotografia) um poderoso instrumento crítico da imagem. As suas **Maravilhas de Portugal** nascem do retalho, condensam num só monumento Portugal inteiro e suscitam falsas hierarquias na paisagem. Deste processo cumulativo da imagem que se parece repetir, marcando mais do que um espaço, um tempo, nascem também os céus de Filipe Romão (n. 1981), mas aqui profundamente assentes na gestualidade da mancha desenhada sobre papel.

actual@expresso.pt

«Em Diferentes Escalas»

Daniel Pinheiro, Filipe Romão, Inês Rebelo, Isabel Brison, Isabel Simões e Nuno Sousa

Espaço Avenida da Liberdade,
Nº 211, 1º Esq., Lisboa, até dia 27